

P E L A   P R O N Ú N C I A   C L Á S S I C A  
D O  
L A T I M   C L Á S S I C O

1. Não pretendo, com este pequeno artigo, fazer o levantamento completo (mesmo que só por tópicos) da questão da pronúncia do latim: tanto no aspecto histórico-polémico (aliás interessantíssimo de seguir), como do ponto de vista científico, já se disse e se escreveu mais que o suficiente para que o assunto ficasse definitivamente encerrado... e, apesar disso, talvez brevemente tenhamos de, nesta revista e juntamente com outros, repisar o tema.

Ninguém hoje duvida de que se obteve, neste domínio, suficiente certeza (e, nalguns casos, notável aproximação) sobre o modo como os Latinos da época clássica pronunciavam a sua própria língua. Esta afirmação não contém em si a mínima parcela de vaidade do ... Sábio contra a ignorância do vulgo, mas representa tão-somente a serena constatação duma verdade universalmente reconhecida. Afirmar que temos uma ideia muito aproximada do que foi a pronúncia do latim clássico tem o mesmo alcance que dizer que os planetas giram à volta do Sol: se há ainda no mundo pessoas que o ignoram, nem por isso pretendemos confundi-las por meio da nossa superioridade científica.

2. O problema que se põe, nas circunstâncias actuais e no nosso País, é de ordem pedagógica: no ensino secundário, o aluno aprende uma pronúncia do latim que, ao chegar à Faculdade, tem de substituir por outra, para (caso venha a ser professor de latim no ensino secundário) voltar a utilizar a pronúncia que primeiramente aprendeu. É um círculo vicioso. O menos que se pode dizer é que seria preferível usar uma só pronúncia... fosse qual fosse. (E há ainda o caso da pronúncia "seminarístico-italiana", o que acrescenta mais um factor de não despendidas implicações.)

3. É claro que o método de "tirar à sorte" qual dos dois tipos deveria ser usado nos dois graus de ensino é, para mim, apenas uma

peça da argumentação por aproximações sucessivas: só quis mostrar o inconveniente deste estranho pluralismo.

De facto, se a ciência linguística pôde determinar a pronúncia clássica do latim, esta só poderia ser (mais ou menos legitimamente) eliminada do ensino secundário, se acaso fosse de tal modo complicada, que as vantagens dela decorrentes se opusessem de forma grave ao aprendizado da língua. Sucede, porém, que a pronúncia clássica é relativamente fácil de aprender (muito mais fácil do que, p. ex., a do inglês, e, ao fim e ao resto, não mais difícil do que a adoptada no ensino secundário). O problema maior reside no conhecimento da quantidade do e e do o: quando breves são abertos; quando longos são fechados. No entanto, e fora os casos em que a quantidade pode ser determinada por regras, compete ao professor assumir posição moderada: sempre que o conhecimento da quantidade não decorresse de regras ou factores que o tornassem possível. Para dar um só exemplo: se pronunciamos impero (e de toda a maneira o aluno deverá aprender a acentuação correcta), torna-se evidente que o -e- é breve, logo aberto. Torna-se um caso (poro científico, mas não anticientífico; e pedagógico) de determinação a posteriori, i. é, que parte da pronúncia para a quantidade. Mas um grande número pode ser conhecido por simples regras (as desinências, certos grupos de vogal mais consoantes, etc.).

De resto, o exemplo do professor (como sucede com qualquer outra língua) será sempre precioso.

4. O que se disse imediatamente acima leva-nos a outro aspecto da questão, de ordem igualmente pedagógica.

Há que modificar radicalmente os métodos e instrumentos de ensino e aprendizado do latim (... e do grego).

Em primeiro lugar, impõe-se a organização dum livro de método com características marcadamente pedagógicas, verdadeiramente gradual, e com um conteúdo adequado. Gostaríamos de, em próximo artigo, expor algumas ideias a este respeito, parte das quais, aliás, estou a aplicar este ano no curso de Grego Elementar.

Em segundo lugar, é possível dar ao ensino do latim (e do grego) certa vivacidade oral, sem que, todavia, pretendamos equipará-lo a qualquer língua moderna. Também não vamos desenvolver esta ideia, mas contentamo-nos com salientar (por vir a propósito) a ligação

que um tal método poderia vir a ter com a questão da pronúncia (de uma só pronúncia) do latim.

5. Finalmente, não queremos deixar de aludir à importância que a pronúncia clássica do latim indiscutivelmente tem para a linguística histórica e para a história das línguas românicas.

Eis a ideia básica: é a pronúncia latina (e não a "portuguesa", "francesa", "italiana" ou qualquer outra) que justifica a variedade de pronúncia nas outras línguas românicas. Focaremos apenas alguns exemplos:

a)

<u>Latim</u>	<u>Italiano</u>	<u>Francês</u>	<u>Português</u>	<u>Castelhano</u>
natione- [-t-]	nazione [-ts-]	nation [-s-]	nação [-s-]	nación [-θ-]
ciuitate- [k-]	città [tʃ-]	cité [s-]	cidade [s-]	ciudad [θ-]
magico- [-g-]	magico [-dʒ-]	magique [-ʒ-]	mágico [-ʒ-]	márico [-r-]
rege- [-g-]	re [-g-] > ∅	roi [-g-] > ∅	rei [-g-] > ∅	rey [-g-] > ∅
regina- [-g-]	regina [-dʒ-]	reine [-g-] > ∅	rainha [-g-] > ∅	reina [-g-] > ∅

Quer dizer: é a forma latina, com oclusiva, que justifica as várias pronúncias constritivas, as quais, nalguns casos, sofreram evolução mais adiantada, até à eliminação completa (rege > reye:port. rei, fr. roi, cast. rey)

b) No que respeita, p. ex., ao timbre das vogais, sabe-se que as vogais longas eram também fechadas, enquanto as breves tinham timbre aberto (cf. inglês see si: , moon mu:n ; thin in , book buk .

Ora, e conquanto, pouco a pouco, a quantidade das vogais dependa do acento de intensidade (o que faz que as átonas sejam breves e as tónicas longas), o antigo timbre (aberto ou fechado) mantém-se o suficiente para que, na passagem para as línguas românicas, se observe uma importante diferenciação de tratamento. Alguns exemplos:

	<u>Latim</u>	<u>Português</u>	<u>Francês</u>
	[ī]	[i]	[i]
	uiuo-	vivo	vif
	dicere	dizer	dire
	fico-	figo	figue
mas	[ĭ]	[e]	...>[wa]
	site-	sede	soif
	uice-	vez	fois

	<u>Latim</u>	<u>Português</u>	<u>Francês</u>
	[ū]	[u]	[ü]
	muro-	muro	mur
	matur-	maduro	mûr
mas	[ũ]	[o]	[u]
	lupo-	lobo	loup
	bucca-	boca	bouche

Não parece necessário multiplicar os exemplos. Os que atrás referimos bastam para convencer qualquer leigo de que, para um romano, contavam muito não apenas a quantidade vocálica, mas igualmente o timbre que se associava à pronúncia longa ou breve da vogal. Nos casos especialmente notados, nem sequer nos poderão argumentar que será difícil pronunciar mais ou menos fechado um i ou um u: não é isso mesmo que somos obrigados a fazer em inglês? No entanto, reconhecemos que compete ao professor ser um tanto permissivo, sem com isso deixar de se esforçar por dar o bom exemplo.

6. Para o que tínhamos em mente, cremos ter dito quanto baste. Só desejaríamos perguntar aos leitores (especialmente aos colegas professores) se acham que valeria a pena organizar um movimento, a nível nacional, no sentido de impor, no ensino secundário, a pronúncia clássica do ... latim clássico. Sobretudo, pensam alguns de nós dedicar a esta questão um próximo número desta revista. Permitimo-nos até sugerir um plano de exposição — o qual, evidentemente, pode ser alterado de acordo com sugestões que nos cheguem:

1. Aspectos da polémica entre "kikeristas" e "ciceristas" (tanto em Portugal, como, eventualmente, noutros países).
2. Fundamentos da determinação (pelo estudioso moderno) da pronúncia do latim clássico.
3. Pequeno breviário da pronúncia do latim clássico.
4. Interesse pedagógico e linguístico do uso da pronúncia clássica do latim.
5. Latim clássico e latim vulgar.
6. Primeiras achegas para a elaboração de livros de método e outro material pedagógico.

Para realizarmos este projecto, precisamos, antes de mais, que os professores de latim adiram em massa à ideia e no-lo comuniquem; e em segundo lugar, que nos enviem trabalhos pertinentes ao tema (dentro ou fora das alíneas que atrás deixamos referidas).

No fim de tudo, é nossa intenção acumular adesões e material, que poderão ser canalizados para as entidades competentes, a fim de que, com justiça e conhecimento de causa, atendam finalmente a um aspecto importante da pedagogia do latim.

CUSTÓDIO MAGUEIJO